



ModaPalavra e-periódico

ISSN: 1982-615X

modapalavra@gmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina  
Brasil

Maria Leal Alves, Alzina; da Rosa, Lucas  
Moda Sustentável e Práticas Cotidianas  
ModaPalavra e-periódico, vol. 11, núm. 21, 2018, Janeiro-Junho, pp. 181-187  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.5965/1982615x11212018181>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514055845012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc  
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal  
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

**Moda Sustentável e Práticas Cotidianas**  
*Sustainable Fashion and Everyday Practices*

**Alzina Maria Leal Alves**

Mestranda, Universidade do Estado de Santa Catarina, SC  
a.zinaleal@gmail.com

**Lucas da Rosa**

Doutor, Universidade do Estado de Santa Catarina, SC  
darosa.lucas@gmail.com

**Moda Sustentável e Práticas Cotidianas***Sustainable Fashion and Everyday Practices*

Alzina Maria Leal Alves, Lucas da Rosa

**Resumo**

Esta é uma entrevista feita com a professora Ana Beatriz Simon Factum, sobre sustentabilidade e práticas sociais para viabilizar um mundo mais responsável com o meio ambiente. Ela participa do grupo de pesquisa Design, Sustentabilidade e Responsabilidade Social da Universidade do Estado da Bahia, discorre sobre seu percurso acadêmico e sua inserção no universo da moda sustentável. A entrevistada dá sua opinião sobre o movimento da moda na busca de um caminho mais sustentável e da necessidade de se identificar ações conjuntas em prol de um mundo mais consciente.

**Palavras-chave:** sustentabilidade, moda, práticas sociais

**Abstract**

*This is an interview with Prof. Ana Beatriz Simon Factum, about sustainability and social practices to enable a more responsible world with the environment. She participates in the research group Design, Sustainability and Social Responsibility of the University of the State of Bahia, and talks about her academic career and her insertion in the universe of sustainable fashion. The interviewee gives her opinion about the fashion movement in the search for a more sustainable way and the need to identify joint actions in favor of a more conscious world.*

**Keywords:** sustainability, fashion, social practices

## 1. Apresentação



Figura 1: **Ana Beatriz Simon Factum** (arquivo pessoal)

Ana Beatriz Simon Factum é professora no curso de Desenho Industrial, da Universidade do Estado da Bahia, desde 1986, e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (Mestrado e Doutorado), da Universidade Federal da Bahia. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Nos últimos dez anos, dedica-se de forma integrada (ensino, pesquisa e extensão) ao design para a sustentabilidade e responsabilidade social, atendendo ao universo dos empreendimentos econômicos solidários.

Pesquisadora no grupo de pesquisa Design, Sustentabilidade e Inovação Social (UFBA, CNPq), Ana Beatriz Simon Factum, nesta entrevista, discorre sobre seu percurso acadêmico e sua inserção no universo da moda sustentável, bem como sobre a necessidade de se identificar ações conjuntas em prol de um mundo mais consciente.

## 2. Entrevista

**a. Há pelo menos dez anos, você se dedica ao ensino, pesquisa e extensão na área do design, visando sustentabilidade e responsabilidade social. Com formação acadêmica em arquitetura, quando e de que forma a moda passou a fazer parte de suas pesquisas?**

A moda no sentido mais estrito da palavra passou a fazer parte das minhas pesquisas, a partir da minha vinculação ou da minha atuação na área

de design de joias. Eu considero a moda no sentido mais estrito da palavra. Porque se formos entender a moda no sentido mais amplo, a minha formação de arquiteta me vincula definitivamente aos diversos modos, das diversas épocas de se fazer arquitetura, porque possui vínculo com hábitos, costumes e a maneira que as pessoas, vamos dizer assim se vestem. E elas se vestem com todos os tipos de objetos e não só de roupas. Sempre tive certa resistência em caracterizar minhas pesquisas, como pesquisas da área de moda, devido a um preconceito existente no meio acadêmico. Inclusive, um preconceito meu, também, que tive que desconstruí-lo e estabelecer um conceito do que é moda e de como a moda está tão presente na nossa vida e, portanto, nos estudos da academia. Minha tese de doutorado é sobre a joalheria usada, nos séculos XVIII e XIX, pelas mulheres negras, mestiças e alforriadas. Por eu ser designer de joias, por tê-las pesquisado no meu doutorado, de certa forma, mesmo que eu não me vinculasse, as pessoas me vinculavam à área de moda. Depois, foram iniciadas uma série de pesquisas no programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, na Universidade Federal da Bahia, onde atuo como professora do quadro permanente; surgiram várias pesquisas relacionando moda, principalmente em relação à minha área de pesquisa: responsabilidade social e sustentabilidade. Então, não tinha como não acolher estas pesquisadoras, que estavam com esse direcionamento.

**b. O termo sustentabilidade pode ser definido como um processo que satisfaz as necessidades presentes sem comprometer a qualidade de vida das gerações futuras, preservando os recursos naturais, água, ar, solo, florestas e a biodiversidade. Hoje, muitas marcas se colocam como sustentáveis praticando o *upcycling*<sup>1</sup>, ou o reuso, sem se comprometer em garantir em suas ações, o conjunto dos quesitos básicos da sustentabilidade. O que poderia nos dizer sobre isso? Seria um “início” de mudança? Podem, realmente, serem consideradas marcas sustentáveis?**

Para você garantir a sustentabilidade é estabelecido os três princípios básicos, chamados “Triple Bottom Line da Sustentabilidade”<sup>2</sup>; que são: economicamente viável; ecologicamente correto; socialmente justo. Sem essas três possibilidades, a pessoa está fazendo uma “tentativa de ir” no caminho da sustentabilidade. Eu não acredito que sejam iniciativas ruins ou

que devam ser eliminadas. O segmento da moda está inserido dentro de concepções mercadológicas, e capitalistas, e, em busca de lucros, dita e segue tendências. A sustentabilidade não pode ser tratada como tendência. A sustentabilidade é o único caminho possível da espécie humana e das outras espécies se manterem nesse planeta Terra. Houve a tentativa de expansão espacial com a conquista de novos planetas, mas isso não se concretizou. A ida do homem à lua aconteceu, mas a conquista de planetas, onde a expansão capitalista pudesse se reproduzir, não aconteceu. Então, para que haja a preservação do nosso planeta, ou a gente muda o padrão, ou a gente se extermina enquanto espécie humana e, conosco, uma série de outras espécies. A empresa que não está cumprindo os três princípios básicos, ainda não é sustentável. Contudo, poderá ser, se ela não estiver fazendo isso, apenas como uma estratégia capitalista de venda e de pseudo inovação, para que as pessoas adquiram mais e mais objetos desnecessários para sua existência.

**c. O segmento da moda é um dos mais poluentes do planeta. A questão do lixo é, ainda, um grande desafio para os produtores, designers e criadores de moda. Em sua opinião, é possível pensar em novas ações sobre o problema do lixo sem pensar em política pública?**

É mais um posicionamento ideológico. Não posso pensar num problema social como o lixo, sem envolver e pautar o Estado. O Estado deveria ter um papel regulador na sociedade, minimizando as desigualdades e as problemáticas de caráter mais complexo, como é o caso do lixo. Não posso pensar na questão de resíduos sólidos, e de processos produtivos, que não sejam circulares sem envolver o poder público. Sem que tenhamos políticas públicas, ações e legislações que tratem a questão do lixo de forma responsável, os aterros sanitários permanecerão abarrotados e sem uma solução adequada para os resíduos sólidos. O lixo continuará a ser acumulado dentro do nosso planeta. Isso é uma questão séria, grave, e deve ser pautada pelo poder público. Não tenho a menor dúvida disso. Agora, o poder público, em vários casos, não faz nada sem a pressão da sociedade como um todo.

Temos aí, uma luta de forças contrárias, as que querem, efetivamente, um trato adequado, e responsável, em relação aos resíduos e

outras que não querem ter esse trabalho, porque acham que é mais gasto, sem se preocupar e refletir com o futuro do planeta e da humanidade. Mas, eu, também, não imputo as questões e soluções, somente, às políticas públicas. Um dos meus posicionamentos ideológicos é confiar na capacidade organizativa da sociedade, das pessoas e dessas pessoas se organizarem e, encontrarem soluções, como a gente tem visto em várias iniciativas. Inclusive, em iniciativas na área da moda, tentando, principalmente dentro do conceito de moda circular, onde você não tem o “jogar fora”, uma vez que todo o resíduo gerado seja utilizado em pesquisa, para que isso possa ser reaproveitado e não acumulado no meio ambiente.

**d. Para alcançarmos o caminho da sustentabilidade e a responsabilidade social na moda, várias ações conjuntas precisam ser implantadas, envolvendo não só os produtores de toda a cadeia têxtil, mas também os consumidores. Num país em que a educação está “sucateada”, que pequenas ações poderiam ser estimuladas para que a sustentabilidade passe a ser, cada vez mais, uma responsabilidade de todos?**

Que a educação não é uma pauta do poder público, concordo com você em relação à questão do sucateamento, mas precisamos entender que a educação não se dá apenas nas instituições. Principalmente, na era das novas tecnologias digitais, a gente tem acesso facilmente, e imediato, às informações de todas as coisas e de todos os níveis. O grande problema da contemporaneidade é não saber o que fazer com tanta informação. Ou seja, a partir do momento, que você tem acesso às informações, daí a praticá-las é um grande passo, talvez, uma escadaria. Eu continuo apostando nessa capacidade organizativa da sociedade e nos espaços não formais, ou autodidatas, ou novas formas de você se educar e construir consciência. Claro, que é necessário, que esse discurso seja pautado de maneira mais corrente, nos meios de comunicação, nas instituições formais de educação. Esses bons exemplos precisam ter políticas públicas, editais públicos e recursos específicos para que esses bons exemplos se reproduzam aos milhares. E é, por isso, que acho que o Designer For Change<sup>3</sup>, por exemplo, que os criativos das escolas, onde levam as crianças a resolverem problemas que elas detectam dentro de suas próprias comunidades, são iniciativas que devem ser

multiplicadas. O trabalho que os catadores fazem, deve ter apoio público, ou seja, por cada quilo de resíduos que eles recuperam para se tornar matéria prima de novo, deveria haver um pagamento, da mesma forma que o poder público paga para empresas recolherem o lixo que fica na porta da sua casa. Iniciativas de diversas ordens, aprofundar nas pesquisas de reutilização de tudo e qualquer resíduo sólido deve ser assumido como uma obrigação, uma responsabilidade socioambiental de todas as pessoas que produzem nesse planeta. Precisamos dessa multiplicação! São esses caminhos... é uma luta constante. Não tem como não ser, porque nem todas as pessoas estão no mesmo nível de conscientização, e nunca estarão. Embora, não goste de usar a palavra nunca, ocorre que somos diversos, temos tempos diferentes e, em cima dessa diversidade, tem que se apostar nas novas gerações, nas crianças, pois elas influenciam seus pais, influenciam seus avós e, assim, temos o efeito multiplicador, fantástico. Aqui em Salvador, quando tivemos o Fashion Revolution<sup>4</sup>, pautamos isso, e a Ana Fernanda<sup>5</sup>, com toda a sua energia, realizou o Fashion Revolution Kids<sup>6</sup>. Precisamos multiplicar isso, junto às crianças!

**e. Como que você se tornou uma ativista? Fale um pouquinho sobre essa prática.**

Como me tornei ativista? Tornei-me ativista desde a época que eu era uma menina, adolescente dondoca, e de classe média estudando nas escolas particulares, que abrigava as elites baianas, apesar de não me considerar elite. Desde criança, me preocupei com as diferenças e as injustiças, e minha mãe dizia: “Ah! Você devia estudar Direito, porque você é uma ótima advogada, vive defendendo os pobres e oprimidos”. Eu achava isso engraçado e tinha outros interesses também. Cheguei a fazer um semestre de Direito, mas a minha vontade era de ser arquiteta. Através dessa capacidade propositiva de encontrar soluções, como é a tarefa e a atividade do projetista, eu achava que era um caminho para eu poder fazer alguma coisa. Antes de eu entrar na faculdade havia uma torcida para que eu passasse no vestibular, pois tinha uma irmã, que já fazia parte do movimento estudantil, e um grupo de estudantes de arquitetura, com atividades políticas, já me esperavam para que eu pudesse fazer parte do quadro do movimento estudantil. Assim, desde que ingressei na faculdade, fui convidada para as reuniões de diretório e de grupos

políticos dentro da universidade e não houve nenhuma interrupção. Quando saí da universidade, eu já era sócia aspirante do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB). Participei dos quadros do IAB; depois do Sindicato dos Arquitetos; dos movimentos sociais junto às ocupações espontâneas ou nas favelas; emitindo e analisando tudo o que acontecia na cidade e fazendo encontros. Depois, quando me engajei mais fortemente à área do design, criamos a Associação Bahia Design (Abdesign), junto com várias pessoas, capitaneado por Enéas Guerra e Goya Lopes. Me associei à esses quadros, mas, infelizmente, a Abdesign não conseguiu sobreviver devido à baixa articulação existente entre os designers baianos. Porém, conseguimos fazer um movimento fortíssimo para participar da setorial de design no Ministério da Cultura (MinC). Foi um belo encontro com o pessoal da moda. Queríamos que fosse uma setorial conjunta de design e de moda. Mas, enfim, eu concordo com os posicionamentos e os argumentos que o setor de moda se coloca para não ficar um setor único de design e de moda... Todavia, ser ativista é uma coisa que está na minha vida desde sempre, e acho que continuarei assim. Momentos mais ativos, momentos menos ativos. Porém, sempre ativista! Sempre lutando para que as desigualdades existentes na sociedade mundial, e brasileira, sejam minimizadas e a gente possa ter uma sociedade, um dia, quem sabe, é minha utopia, uma sociedade plena de justiça. Por isso, que sou e sempre serei ativista!

## Notas

<sup>1</sup> *Upcycling*: é o processo de transformar resíduos ou produtos inúteis e descartáveis em novos materiais ou produtos de maior valor, uso ou qualidade.

<sup>2</sup> Triple Bottom Line, conceito da sustentabilidade que tem como pilar a Pessoa, Planeta e o Lucro (PPL), considerando que as três dimensões precisam interagir, de forma dinâmica, para que os resultados uma empresa possam estar dentro da prática sustentável.

<sup>3</sup> Designer For Change, movimento global, que oferece, às crianças e adolescentes, a oportunidade de serem mais atuantes na transformação de sua própria realidade.

<sup>4</sup> Fashion Revolution é um movimento criado por um conselho global de líderes da indústria da moda sustentável, que se uniram depois do desabamento do edifício Rana Plaza, em Bangladesh, no dia 24 de abril de 2013, e que deixou 1.133 mortos e 2.500 feridos.

<sup>5</sup> Ana Fernanda é jornalista e representante do Fashion Revolution na cidade de Salvador.

<sup>6</sup> Fashion Revolution Kids é a versão infantil do movimento internacional, que atua por mais transparência no mercado da moda.

Recebido em: 09/11/2017

Aprovado em: 13/11/2017